

HAMLET¹: a aurora do anti-herói moderno²

Lourenço Leite,

“uma grande ação é imposta a uma alma que não está em condições de realizá-la”
Goethe

A obra Hamlet de William Shakespeare³ foi encenada pela primeira vez em 1601 e é considerada de tragédia de vingança. O autor em Hamlet utiliza-se de uma numerosa diversidade de literatura e de teatro, e as mistura, tais como: a tragédia grega, o drama burlesco, a farsa, a comédia, a magia. Nela, Shakespeare fez do teatro o espelho do universo e de cada um de seus grandes personagens, Hamlet, Macbeth, Ricardo III, Othelo, Lear, Ofélia, Desdêmona, etc. O arquétipo de uma atitude do homem diante do enigma do mundo ou diante das paixões que o devoram ou que o exaltam.

A grande predominância do espírito cristão na anterior cristandade européia fez da vida uma impossibilidade de se atingir seu fim que não fosse no além. A tragédia, portanto, nunca podia atingir seu termo na vida terrena, afirma Auerbach em O Príncipe Cansado⁴.

¹ Drama em cinco atos de William Shakespeare. Uma narrativa do historiador Saxo Grammaticus¹ (séc. XIII) forneceu a Shakespeare o sujeito de seu drama, o mais célebre de seu teatro. Apareceu sobre as muralhas do castelo d’Elseneur, na Dinamarca, o espectro do rei relata à Hamlet, seu filho, que ele pereceu assassinado por Claudius, seu irmão, em comum acordo com a rainha. Preparando sua vingança, Hamlet vai simular a loucura, abandonando sua noiva Ofélia que perde a razão e se afoga. No duelo em que se opõe a Laertes, irmão de Ofélia, Hamlet é ferido por uma espada envenenada. Antes de morrer, ele mata Cláudio o usurpador, ao passo que Gertrude, sua mãe, perece envenenada pelo drinque que ele havia preparado para ela. Em um mundo onde a ciência tomou o poder da natureza, um poder que a religião atribuíu até então à divindade, toda noção de fatalidade doravante é abolida, Hamlet é o drama de acesso à consciência e à liberdade. Entre as traduções e adaptações, cita-se aquelas de Ducis [1769], Alexandre Dumas e Paul Meurice [1848], Eugène Morand e Marcel Schwob [1899], André Gide [1946], Marcel Pagnol [1950] assim como o filme de Laurence Olivier [1948] e a atual versão inglesa feita por Kenneth Branagh de [1998]. Fonte: Petit Robert, Paris: Le Robert.

² Publicado pela Revista Ideação do Núcleo Interdisciplinar de Estudos e Pesquisas em Filosofia da Universidade Estadual de Feira de Santana. V. 1 n° 6. 1997 – ISSN 1415-4668.

³ William Shakespeare - Dramaturgo e poeta inglês (1564-1616). É considerado o maior dramaturgo da história do Teatro. Nasce em Stratford-upon-Avon, perto de Londres, cidade para onde se muda em 1591. Entre 1590 e 1594, escreve sua primeira peça, A Comédia dos Erros. Dono de uma técnica extremamente pessoal, sua obra marca o teatro elisabetano da época e influencia toda a produção teatral posterior. Em suas peças, demonstra uma profunda visão do mundo e da complexidade da alma humana. Retrata o comportamento humano em tragédias, comédias e dramas históricos, como Henrique V. Entre as tragédias mais importantes estão Romeu e Julieta, Macbeth, Hamlet, Rei Lear e Otelo. As comédias mais encenadas incluem O Mercador de Veneza, A Megera Domada e Sonhos de Uma Noite de Verão. Muitas de suas peças são adaptadas para o cinema. Em 1609, publica uma série de sonetos, dedicados a um rapaz e a uma senhora não-identificados. Escreve sua última peça, A Tempestade, em 1613. Fonte: Almanaque Abril 1997

⁴ Auerbach, Erich. O Príncipe Cansado. In: Mimesis. São Paulo: Perspectiva, 1998, p. 284

Consoante ainda Auerbach⁵, a tragédia elizabetana defronta-se, na maioria dos casos, não com o carácter puramente natural, mas com um carácter já pré-formado pelo nascimento, pelas circunstâncias vitais, pela pré-história [isto é, pelo destino]; um carácter do qual o destino já participa em grande medida, antes dele se cumprir na forma do conflito clássico determinado; este é amiúde tão-somente o motivo através do qual se atualiza uma tragédia preparada a muito.

FIM DO HERÓI E AURORA DO ANTI-HERÓI

“... uma grande ação é imposta a uma alma que não está em condições de realizá-la” afirma Goethe sobre Hamlet ou ainda: “*um ser belo, puro, nobre, elevadamente moral, sem a força sensível que faz o herói, sucumbe sob uma carga que não pode carregar nem jogar longe de si...*”⁶. O herói não se consagra em Hamlet como o herói grego, trágico, pré-figurado que precisaria ser iniciado nos mistérios para tomar consciência de seu fado. Hamlet ao contrário, pré-figura em certo sentido o anti-herói: não sabe que está sendo usado pelo destino; sua vida sofre as dores do mundo, mas não tem meios de redenção. Sua morte, juntamente com as de outros, apenas formam a trama da história. Ele não passa de um fantoche nas mãos de Clio. Contudo, apesar de Hamlet não confirmar em seu personagem a Jornada do Herói, no sentido grego do termo, aponta-nos para uma construção de personagem com um eu estilhaçado e nos convida a perceber uma nova constituição de sujeito. Aquela do sujeito moderno, pré-renascentista onde se começam a eclodir a individualidade de dentro para fora. Individualidade essa que evoluirá em toda a renascença até o romantismo.

Em Hamlet o homem sucumbe aos apelos de sua própria subjetividade. De agora em diante o que importa não é mais as determinações históricas, nem a estrutura aristocrática que garante o poder e o reino, nem mesmo os arquétipos míticos e religiosos. Hamlet inaugura o sujeito moderno mesmo sendo interpelado pelo seu ethos ou solicitado pela sua ancestralidade na figura do espectro do pai que lhe aparece para reivindicar vingança. Nem mesmo o amor de sua mãe ou o amor de Ofélia, sua amada e noiva, atendem e respondem aos seus apelos. O que lhe interessa confirmar é a si mesmo. Tudo o que está fora de si não passa de algo que se esvai com o próprio reino da Dinamarca. O fora não tem força de representação no seu interior. Sua busca é a de um homem fragmentado que sente a dor da perda de si. Seu luto não é o luto da separação do seu pai nem a possível perda de Ofélia. Sua consternação corrói sua alma como se a morte fosse a única saída. Mas o nosso Hamlet anseia por algo mais: ele quer

⁵ Op. Cit. pp. 284-285

se aproximar de algo que nunca lhe fora apresentado nem permitido. Ele pretende negar o estabelecido em sua vida porque ele aponta somente para o sentido em si mesmo. O âmbito do encontro consigo mesmo coloca-o, igualmente, diante de uma realidade que está por fazer-se. Tudo, a partir dessa consciência trêmula e manca, ainda não se consumou. A realidade do porvir transcende sua própria noção de liberdade, porque o possível é deveras desconhecido. Não há o suporte do paradigma como encontramos na trajetória do herói; nem há o ancião que conduz o iniciado para dentro da floresta. Não há pórticos para atravessar nem esfinges para destruir. O que apenas se apresenta é o seu próprio desejo de se conhecer como alguém individualizado. Seu desejo será, portanto, a chave que poderá abrir as portas de sua interioridade. Desejo de conhecer o que aparentemente esteve fora dos muros do palácio. Talvez, mesmo fora da Dinamarca, mas que agora, como um sintoma descontínuo e fosco, dá sinais de grande proximidade. O seu eu, mesmo fragmentado, tenta, a duras penas, interpretar o não dito até então. Instala-se em Hamlet uma ironia sarcástica, uma retórica sofisticada que pretende desmontar todo e qualquer discurso que denote uma realidade hipócrita. Seu desejo é também aquele de provar o autêntico que pode existir atrás dos costumes da velha Dinamarca. Mas ele sabe que são infrutíferas suas tentativas, a realidade é monumentalmente mais forte que ele. Sua busca não o conduzirá a encontrar o seu significado existencial naquele contexto. Ele está fora, além de tudo o que o rodeia. Contudo, ao mesmo tempo, esse significado se revela nos interstícios da fala de seus interlocutores e nas tramas de conquista do seu tio, agora rei. Mostra-se também pelo viés do amor de Ofélia ou mesmo através das aventuras extramuros de Laertes. Sua sagacidade apreende essas fagulhas efêmeras de significado, mas sua alma, por estar em luto de si mesma, não consegue ver a totalidade.

Abrem-se diante do drama de Shakespeare o diálogo solipsista, estéril, difuso, mas profundamente indicador de um caminho que conduzirá o homem moderno. Interessante destacar que talvez o próprio Shakespeare não tenha tido a pretensão de contribuir para a construção da subjetividade do homem moderno. Verificam-se em sua contemporaneidade filosófica, encontramos Descartes que inaugura no pensamento filosófico essa compleição do eu no âmbito de uma subjetividade individualista e solipsista. Em Hamlet esse individualismo ainda está por fazer-se. Ele ainda não encontrou o ‘método’ cartesiano. Ele ainda permanece na dúvida hiperbólica. Seu eu ainda não se constituiu cartesianamente, porque suas paixões ainda são determinantes. O eu moderno cartesiano se constituirá pela tomada de consciência de si e do mundo em sua própria evidência dada pela razão. Hamlet permanece na

⁶ Goethe em Wilhelm Meisters Lehrjahre – livro IV, cap. 3 e 13

obscuridade das paixões da alma que quer entender a realidade como se fosse redutível a ele. Não há nele a compreensão da alteridade do mundo suficiente para colocá-lo em estado de julgamento autêntico e de percepção da distinção. Tudo em sua volta ainda é algo que se confunde com o todo. A totalidade da existência não pode se fazer compreender porque sua visão de mundo é ainda intuitiva, logo, puramente simbólica. Mas é nesse drama extraordinário de Shakespeare que a visão existencial do indivíduo é mostrada como possibilidade. Em Hamlet, o ‘télós’⁷ abre-se para o mundo além da Dinamarca. O seu fim escatológico como sentido último transcende seu próprio ethos. Seu questionamento da existência o coloca mesmo além de seu grande amigo Horácio. Portanto, seu discurso não se coaduna a ação. Dizer e agir são formas dicotomizadas e irreconciliáveis.

Embora a problemática existencial que verificamos em Hamlet abra um caminho além do seu próprio mundo, sua compleição arquetípica não se confunde em nenhum momento com o herói tradicional. Nosso personagem é antes de qualquer coisa alguém que não sabe para onde ir nem o que é. Sua reflexão sobre Ser ou Não Ser, como questão ontológica, nega toda a tradição escolástica filosófica assim como a medieval. Ser ou Não Ser eis verdadeiramente a questão. Ele está plantado diante da incerteza e da dúvida.

Antevemos aqui a aurora do anti-herói moderno como alguém que pretende se fazer à medida que seu eu se remonte. Em Hamlet o eu do sujeito está despedaçado como os personagens míticos gregos Orfeu e Dioniso. O ‘diasparagmós’⁸ não foi completado com a reunião de suas partes. Resta ainda que o seu eu se reconstitua como sujeito próprio para haver a verdadeira reconciliação consigo e com o mundo. Seu pai só poderia ser vingado em sua consciência, mas não de fato. É o novo paradigma da reconciliação da consciência moderna que se mostra em Hamlet. Assim como Sócrates o fez na Paidéia grega, só poderá haver reconciliação no ‘lógos’, ou seja, na consciência de si.

O sujeito moderno entra, a partir dessa óptica, a ver a si mesmo por meio do que se instaura na consciência. A verdade terá que ser objetivada no sujeito que a percebe. Temos aí o grande momento epistemológico do saber moderno: pensar o ser de alguma coisa é pensá-lo no eu do sujeito que pode conhecer algo.

A realidade cultural dinamarquesa não importa mais. Hamlet é o nosso anti-herói moderno, contemporâneo, e talvez pós-moderno. Seu eu está em frangalhos e necessita de um

⁷ Em grego, fim, termo, finalidade da existência. Fig. Fim escatológico.

⁸ Arte do despedaçamento, desmembramento.

ponto de partida. Precisa, assim como os personagens míticos gregos, efetuarem uma ‘anábase’⁹. Hamlet representa uma profunda ‘catábase’¹⁰ aos estágios de sua própria consciência. Ele não tem controle de sua situação existencial nem de sua história. Tratado como anti-herói, representa a racionalização negativa, ou seja, não pretende seguir nenhum protótipo de realidade. Ele não pretende retornar à Dinamarca nem ao seu aconchego materno. Sua busca vai além de tudo isso: pretende encontrar respostas que não estão na realidade diante dele. A transcendência o provoca assim como todas as artimanhas de Cláudio, o rei da Dinamarca. Seu encontro com a verdade só poderá ocorrer fora de todo o contexto de sua cultura. Seu eu urge a reconciliação, porém, sua alma, impossibilitada de confirmar seu entendimento, continua vulnerável e órfã. Não será nele que ocorrerá a redenção da Dinamarca, entenda-se aí a da morte de seu pai, as das tramas de seu tio, as das pretensões de Polônio. A redenção poderá ser iniciada por Fortimbrás, o verdadeiro herói, rei da Noruega que conquista e se apossa da velha Dinamarca. No entanto, o próprio Fortimbrás não tem consciência da verdadeira decadência da Dinamarca. Ele apenas representa alguém que tem o poder da conquista, mas não tem o poder da compreensão. Se Shakespeare não acrescentasse o personagem Horácio para retratar toda a história, sua conquista seria imemorial. Ou seja, a memória se inicia pelo terceiro elemento, o outrem. Aquele que vê e antevê a realidade. As próprias efetivações de Hamlet, mesmo com sua morte, não são suficientes para compor o enredo da história que a Dinamarca iniciara.

Nosso anti-herói pretende ser a revelação da própria contradição que existe na Dinamarca. Somente com sua morte isso poderia ocorrer. Se em vida isso ocorresse, ele se tornaria um herói canônico. Sua morte também representa que o sentido da existência não está no mundo, mas fora dele. Sua morte representa que a grandeza da existência é superior aos artefatos humanos. Sua morte representa, como toda morte, o escândalo da totalização da razão que pretende sempre abarcar e reduzir o outro ao semelhante, ou seja, ao mesmo.

Hamlet quer ser primordialmente o outro enquanto outro. Sua alteridade é superior a toda e qualquer ordem estabelecida. Sua indiferença diante de todas as posses e propriedades constrange a todos. Ele pretende-se ser aquilo que ainda não é, ou seja, ser alguém que poderia construir sua própria história independente das determinações morais.

Hamlet é a marca cabal da liberdade da existência que se instaurará na modernidade. Kierkegaard é quem iniciará a construção dessa fisionomia do homem em desespero diante de

⁹ Subida do Hades; ascensão às realidades superiores da consciência; Fig.: tomada de consciência

si mesmo. Mas vale ressaltar que Goethe, no seu Fausto, apresenta-nos inúmeras características dessa falta de transcendência. O descontentamento de Fausto diante de sua existência é algo tão monumental, que depois dele não podemos mais pensar a solidão do ser outro como mera excentricidade. A questão está posta e não pode mais ser rejeitada. Creio que Hamlet de Shakespeare inicia esse questionamento de maneira magistral. O limite da existência não é mais a própria vida plantada no ethos. A vida humana está condenada a transcender a si mesma.

Em sendo assim, em Hamlet o diálogo consigo próprio é o diálogo que indica as fronteiras da existência. Vale lembrar quando ele nos jardins do cemitério diante dos coveiros e de seu amigo Horácio se depara com o crânio do seu amigo Yorick que fora o bobo da corte:

[pega a caveira] Que lástima, pobre Yorick! Eu o conheci, Horácio; era um tipo de infinita graça e da mais extraordinária fantasia; carregou-me na suas costas mais de mil vezes; e agora como é horrível imaginar essas coisas! Aperta-me a garganta ao pensar nisso. Aqui ficavam os lábios que eu beijei nem sei quantas vezes. Onde estão agora os teus gracejos? As tuas cabriolas? As tuas canções? Teus lampejos de espírito que eram capazes de fazer gargalhar todos os convivas? Nenhum mais agora, para zombar dos teus esgares? Caiu-te o queixo? Vai agora aos aposentos de minha dama e diz-lhe que, por mais grossas camadas de pintura que ela ponha sobre a face, terá de chegar a isto: vai fazê-la rir com essa idéia...

Para Hamlet a caveira de Yorick é o protótipo da falta de transcendência. Contudo, a memória da existência o recoloca no limiar dessa própria transcendência. Nosso pequeno grande homem, apesar de não ter os atributos do herói, evoca de sua consciência a memória do que se foi, mas que se torna vivo presentificado e talvez redimível. Seu amigo que tantas vezes o divertiu agora não é mais, mas que pode ser ali, por inteiro, pela via da rememoração. Hamlet trava uma luta constante entre a memória do seu passado e a lucidez do seu presente. Ele sofre com a dor da ausência, mas ao mesmo tempo instala-se aí como meio de poder se encontrar, de poder apascentar sua alma. Seu desafio é poder esquecer tudo para encontrar o caminho da criação. Yorick é agora o felizardo porque pertence ao reino do esquecimento e que só se presentifica na memória daqueles que o amavam. Hamlet quer ser esquecido por inteiro. Se pudesse pedir a Deus para aniquilar sua existência, ele o faria. Seu niilismo é cruel, mas o é somente consigo próprio. Ele crê que esse aniquilamento seria a melhor saída para que o encontro com si próprio pudesse chegar a termo. Nada mais importa a não ser encontrar os meios de recolher e juntar os cacos de seu estilhaçado eu. Shakespeare apresenta-nos por inteiro a verdade da decomposição do sujeito moderno. Débil e inerte, vulnerável e estéril, Hamlet não possui forças para poder se libertar das amarras do seu fado. Entretanto, mesmo

¹⁰ Descida ao Hades; aos infernos; descida aos estágios inferiores da natureza humana.

em meio a essa debilidade, consegue construir um discurso pleno de significados, mas percebidos pelos seus interlocutores como absurdo e paradoxal. O sentido do seu discurso está além de sua imediata compreensão. Shakespeare cria um metadiscurso na fala do seu protagonista. Porém, mesmo para Hamlet seu discurso é cheio de metáforas, porque somente por essa via ele pode pretender que seus ouvintes alcancem a verdade. Talvez aí vislumbremos sua reconciliação. Talvez tenha sido esse o caminho que o homem moderno encontrou para reconciliar-se com si e com sua realidade.

Mas Hamlet, assim como Moisés, não usufruirá a terra prometida. A Dinamarca fará parte do reino da cosmopolitização pelas mãos de Fortimbrás. Esse reino do Universal que Hamlet tentou, sem sucesso, encontrar. Mas como afirmou Goethe, sua alma não tivera condições de realizar a grande tarefa que lhe fora imposta. Seu fardo, mesmo que pesado, não poderia ser deixado ao largo nem no caminho.

Mas, muito embora nosso Hamlet de Shakespeare seja alguém desprovido de virtudes heróicas, ele consegue, mesmo em sua existência vivida sob a égide da conspiração, fincar a marca da diferença. Diferença essa que a era moderna exaltar sob todos os meios de representação e que se tornou na Renascença o ponto de chegada de todos aqueles que queriam se desvencilhar da era da semelhança legada pela Cristandade medieval. Por conseguinte, o homem moderno não se assemelha mais ao seu criador. Ele quer ser criador de si mesmo. Por isso, a instauração do sujeito em Hamlet pelas mãos de Shakespeare é o prenúncio cartesiano do eu que precisa duvidar de tudo, inclusive de sua própria existência.

Salvador, 15 de novembro de 1998.

Bibliografia consultada:

- ✚ AUERBACH, Erich. *O Príncipe Cansado*. In: Mimesis. São Paulo: Perspectiva, 1998
- ✚ BRANDÃO, Junito de Souza. *Mitologia Grega*. Petrópolis: Vozes
- ✚ FERGUSSON, Francis. *Hamlet, Príncipe da Dinamarca: A Analogia da Ação*. In: *Evolução e Sentido do Teatro*. Rio de Janeiro: Zahar, 1964.
- ✚ PETIT ROBERT. *Dictionnaire Universel de Noms Propres*. Paris: Le Robert
- ✚ SHAKESPEARE, William. *Hamlet*. In: *Hamlet e Macbeth*. Tradução de Anna Amélia Carneiro de Mendonça. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1995.